



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Maria Beatriz Bezerra da Silva Correia

Conhecendo as Percepções dos acadêmicos em Licenciatura em Pedagogia 5º e 7º período sobre a Avaliação da Aprendizagem.

Garanhuns

2019

Maria Beatriz Bezerra da Silva Correia

Conhecendo as Percepções dos acadêmicos em Licenciatura em Pedagogia 5º e 7º período sobre a Avaliação da Aprendizagem.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos Vasconcellos

Garanhuns
2019

Conhecendo as Percepções dos acadêmicos em Licenciatura em Pedagogia 5º e 7º período sobre a Avaliação da Aprendizagem.

Resumo: A avaliação é um processo para todos que interagem no cotidiano acadêmico, em especial para os discentes que enfrentam situações de conflitos emocionais, com estigmas que podem acompanhá-los pelo resto da vida. Diante disso, este trabalho traz por objetivo analisar as percepções dos acadêmicos do quinto e sétimo período do curso de licenciatura em Pedagogia da UFRPE- UAG em relação à concepção sobre a avaliação da aprendizagem. Tomou-se por base os estudos de Luckesi (2011), Demo (1990), Hoffmann (2003) e Vygostky (1991), dentre outros. Utilizou-se a pesquisa Exploratória com estudo de caso através dos achados teóricos de Prodonov e Freitas (2013) e Gil (2008) e, em relação as análises de dados, Aguiar e Ozella (2006) com o intuito de conhecer as percepções que os futuros professores estão adquirindo durante sua formação e prática pedagógica. Os dados mostraram que os graduandos que estão saindo do curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG apresentam a percepção de que a avaliação serve para a reformulação da prática pedagógica dos docentes, que também, estão sendo avaliados quando aplicam quaisquer instrumentos de avaliação. Conclui-se, portanto, que a avaliação da aprendizagem não é sinônimo de punição, ela precisa ser percebida e concebida como uma estratégia de melhoria da aprendizagem no contexto escolar. Espera-se que esta pesquisa venha contribuir para uma melhor forma de se entender o papel real da avaliação da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Formação docente.

Knowing the perceptions of undergraduate students in Pedagogy 5th and 7th period on the Assessment of Learning.

Abstract: Evaluation is a process for all who interact in academic daily life, especially for students facing emotional conflict situations, with stigmas that can accompany them for the rest of their lives. Given this, this work aims to analyze the perceptions of the students of the fifth and seventh period of the degree course in Pedagogy at UFRPE-UAG regarding the conception of assessment learning. Based on the studies of Luckesi (2011), Demo (1990), Hoffmann (2003) and Vygotsky (1991), among others. Exploratory research was used with case study through the theoretical findings of Prodonov and Freitas (2013) and Gil (2008) and, regarding data analysis, Aguiar and Ozella (2006) in order to know the perceptions that future teachers are acquiring during their training and pedagogical practice. The data showed that undergraduates who are leaving with the Degree course in Pedagogy at UAG present the perception that the evaluation serves to reformulate the pedagogical practice of teachers, that too, are being evaluated when applying any assessment instruments. It is concluded, therefore, that learning assessment is not synonymous with punishment; it needs to be perceived and conceived as a learning improvement strategy in the school context. It is hoped that this research will contribute to a better understanding of the real role of learning assessment.

Keywords: Evaluation. Learning. Teacher training.

Introdução

O ato de avaliar está presente no cotidiano da maioria dos indivíduos, desde quando, por exemplo, escolhemos qual é a melhor marca de shampoo para o meu tipo de cabelo, qual a melhor escola para o meu filho, qual é o caminho mais rápido para chegar ao trabalho, isso tudo implica em avaliar as melhores opções de acordo com nossas concepções de forma assistemática. Todavia, o ato de avaliar na sala de aula acontece de forma sistemática, está carregado de ideologia. Nesse contexto, o presente trabalho tem a intenção de analisar a percepção dos futuros professores, nesse ambiente escolar.

O professor pode agir de forma consciente sobre o tipo de avaliação que está utilizando, entretanto, nem sempre isso acontece, contudo, de uma forma ou de outra, acaba sempre avaliando o aluno. Através das experiências escolares e acadêmicas, os professores, na maioria das vezes, parecem usar a avaliação como intenção de medir a aprendizagem dos alunos, porém isso depende da sua concepção de avaliação. Conforme Luckesi, (2008, p.33).

A avaliação será, portanto, um ato subsidiário da prática pedagógica, com vistas a obtenção de resultados os mais satisfatórios possíveis diante do caminho de desenvolvimento de cada educando. Nessa perspectiva, amorosamente, o educador acolherá o educando como ele é (receber o educando com a sua bagagem biopsicossociológica, sem julgar nada simplesmente!); a partir daí, poderá sentir que sua relação com o educador é uma relação para vida, para seu crescimento, para o desenvolvimento, para a construção de si mesmo de sua identidade, da forma como é em seu Ser.

A avaliação é um instrumento que o professor utiliza na intenção de apreciação, ou seja, no sentido de um resultado em relação às metas educativas estabelecidas previamente. As formas mais comuns de se avaliar o estudante e, que também estiveram presentes no decorrer da minha vida acadêmica, foram as provas escritas e orais, testes, seminários e participação nas aulas. No entanto, há vários questionamentos relacionados à avaliação: Será que o aluno realmente apreendeu o conteúdo? Será que ele consegue relacionar o conteúdo na prática cotidiana? E ainda, será que ele consegue fazer uma reflexão sobre o que está sendo proposto em sala de aula e a sua realidade?

Analisando esse contexto complexo da avaliação na perspectiva de Luckesi (2011) que, sem ações pedagógicas planejadas, não há avaliação de aprendizagem, o educador poderá fazer uso do ato de avaliar a aprendizagem escolar como um caminho para o ensinar e aprender produtivos e satisfatórios. Enfim, compreender a avaliação como um processo de acompanhamento para conseguir resultados desejados.

A avaliação é utilizada de forma instrumental para auxiliar nas decisões pedagógicas e administrativas pensando no ato de avaliar como melhoria para a aprendizagem do estudante, tendo em vista, a questão da investigação de seus resultados. No entanto, a avaliação não vai solucionar os problemas da aprendizagem, porém é um recurso que ajudará ao professor a organizar atividades para melhorar o rendimento do estudante em sala de aula e na vida.

Nessa perspectiva, acreditamos que a avaliação depende da percepção que o professor, ou os futuros professores, possuem sobre a avaliação, ou seja, se, entre outros aspectos, a considera classificatória, formativa, diagnóstica ou punitiva e dinâmica, isso fará a diferença na proposta de organização pedagógica e no resultado da aprendizagem dentro da sala de aula. Segundo Teixeira, (2008, p. 107,109, 112).

Avaliação diagnóstica é um instrumento do nível de conhecimento que o aluno possui, que visa detectar a presença ou ausência do conhecimento do mesmo. O diagnóstico deve se constituir de uma sondagem da situação de vivência e desenvolvimento de cada pessoa envolvida no processo, ou seja, conjunto de bagagem que os alunos possuem, visando às tomadas de atitude satisfatória e eficaz, de modo que haja progresso nos processos de ensino e aprendizagem. [...] Avaliação formativa tem como preocupação central coletar dados para reorientar os processos de ensino e aprendizagem. Empregando durante todo o processo, considera todos os aspectos educacionais e permite a continuidade ou redimensionamentos do processo de ensino. [...] Avaliação somativa também conhecida como avaliação classificatória, cujo principal objetivo é determinar o grau de conhecimento do aluno, tem como propósito classificar os alunos ao final do período. Não leva em conta as subjetividades e discrimina os modos diferentes de se perceber a aprendizagem.

Considerando esses aspectos, a postura que o professor coloca-se na sala de aula e suas experiências anteriores como ex-aluno deverá compor sua prática pedagógica, e também sua conduta de como avaliar seus alunos. Considerando que na maioria das vezes os professores podem e devem utilizar mais de uma forma de avaliação. E principalmente fazer uso de diversos instrumentos para melhores resultados na sala de aula, entretanto se faz necessário que os professores tenham acesso à informações e conceitos sobre avaliação.

Hoffmann (2003) faz uma reflexão à ação que sugere ao professor uma postura avaliativa e mediadora, possibilitando uma aprendizagem de forma contínua e não excludente. Para isso acontecer, é preciso um tempo de amadurecimento e evolução do professor para a compreensão da avaliação mediadora, que também tende a promover bons resultados na escola. Nessa direção, acredito que, compreender as concepções utilizadas em sala de aula, ajudará nas práticas pedagógicas dos professores e futuros docentes que estão diretamente ligados nesse contexto de avaliar o aluno.

Avaliação mediadora tem como principal enfoque mediar e intervir de modo que ajude o aluno a progredir e superar suas dificuldades. Introduzindo a problemática do erro em uma perspectiva dialógica e construtiva, refletindo sobre os paradigmas positivista de avaliação, encaminhado o indivíduo à superação e ao enriquecimento do conhecimento (TEXEIRA, 2008, p. 111).

Com a intenção de orientar e oferecer os melhores caminhos e alternativas para os estudantes buscarem a investigação, não deve existir um caminho único, todavia haverá caminhos dependendo do ritmo de aprendizagem de cada aluno com olhar diferente de enxergar a educação em sua forma dinâmica.

Nesse contexto, levanta-se a seguinte questão norteadora para este trabalho: A disciplina de Avaliação da Aprendizagem ofertada no Curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG possibilita ao futuro professor uma nova visão no conceito de avaliação? Com o objetivo de responder tal indagação buscou-se **analisar as percepções desses acadêmicos, do quinto e sétimo período do curso, em relação à avaliação da aprendizagem.** Para alcançar tal objetivo geral, foi pensado como objetivos específicos: Identificar a percepção desses estudantes sobre a avaliação da aprendizagem; comparar as percepções sobre a avaliação da aprendizagem dos acadêmicos do quinto e os do sétimo período do Curso de Licenciatura em Pedagogia, ou seja, os que estão cursando a disciplina e aqueles que já cursaram a mesma e, por fim, descrever as concepções apresentadas sobre avaliação da aprendizagem na formação dos futuros docentes.

A intenção da pesquisa é contribuir da melhor maneira possível para que os professores e futuros professores se utilizem da avaliação como forma de ascensão dos seus estudantes e, principalmente, compreenda o valor da avaliação na sala de aula. Os erros cometidos em provas, trabalhos, seminários ou quaisquer outros instrumentos não é o ponto final, mas sim o começo de uma aprendizagem que poderá ser melhorada.

Nessa perspectiva, acreditamos que este trabalho poderá proporcionar uma leitura das percepções dos discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia do 5º e 7º período em relação à avaliação da aprendizagem. Como organizar essa avaliação pensando em uma releitura das práticas pedagógicas que acontecem nas salas de aulas, oportunizando condições de utilizar a avaliação de forma colaborativa na formação do aluno.

Nossa proposta, portanto, se fundamenta nas diversas vivências das turmas 5º e 7º período do Curso de Pedagogia sobre a Avaliação da Aprendizagem e as diversas vertentes que a avaliação apresenta. Nesse contexto, é tempo para significativas tomadas de decisões quanto a encarar a avaliação de forma contextualizada, onde os futuros professores pensem

suas práticas e que os alunos se sintam em ambiente seguro e acolhedor para uma aprendizagem significativa e que o conhecimento adquirido seja realizado de forma prazerosa.

Conceituando a avaliação

A avaliação escolar parece que tradicionalmente ainda encontrar-se associada ao ato de verificar o que o estudante aprendeu durante o ano ou semestre letivo, deixando assim que a aprendizagem ficasse em segundo plano e dando ênfase ao exame, ou seja, a prova como momento específico de medir a aprendizagem dos estudantes.

Criou-se um conceito de avaliação cujo eixo principal foi o da medida quantitativa do conhecimento. Consequentemente, passou-se a privilegiar uma forma de relação do indivíduo com o conhecimento de caráter bastante “mercantilista”: a informação transmitida pelo mestre aos estudantes deve ser desenvolvida segundo alguns parâmetros estabelecidos (LIMA, 2005 p.3).

Os parâmetros estabelecidos serviram mais para organização burocrática para o desenvolvimento do estudante na escola. Tornando-se algo para descrever apenas os resultados sobre a escola para sociedade, família e Estado.

Luckesi (2008), faz uma reflexão sobre como a avaliação é conduzida por professores dos Anos Iniciais até o Ensino Médio. E como culturalmente os alunos, pais e professores se comportam durante o processo avaliativo. O uso da prova é utilizado pelos professores, que na maioria das vezes tem a intenção de reprovar. Um outro fato que ainda acontece na sala de aula quanto ao uso da nota, se dá por exemplo, quando o aluno ganha, de forma muitas vezes aleatória, um ou mais pontos por trazer algum material para uma determinada atividade, percebe-se, que nesse caso, não há uma relação com processo de aprendizagem e muito menos com avaliação da aprendizagem.

Para Hoffmann (2003) as transformações de avaliação são multidimensionais. Ou seja, avaliar envolve valor, e valor envolve pessoa. Para essa autora, é preciso em primeiro lugar, haver o sentimento de compromisso em relação àquela pessoa com quem está se relacionando. Avaliar é muito mais que conhecer o aluno, é reconhecê-lo como uma pessoa digna de respeito e de interesse. Em segundo lugar, o professor precisa estar preocupado com a aprendizagem desses alunos.

Na percepção de Libâneo, (1994, p. 195) a avaliação é:

Uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Os dados coletados no decurso do processo de ensino, quantitativos ou qualitativos, são interpretados em relação a um padrão de desempenho e expressos em juízos de valor (muito bom, bom, satisfatório, etc.) acerca do aproveitamento escolar.

A avaliação vai além da prova, envolve organização, reflexão real, intenção de aprendizagem do aluno mais do que simples indicação de nota, reprovar ou aprovar, mas uma compreensão de contexto social na qual analisa a maior necessidade do estudante e, norteia as práticas dos futuros professores. De acordo com Demo:

Refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos etc. Daí é necessário os critérios de avaliação, que condicionam seus resultados, estejam sempre subordinados a finalidades e objetivos previamente estabelecidos para qualquer prática, seja ela educativa, social, política ou outra (1990, p. 1).

De acordo com Luckesi (2005) e Demo (1990) sair do ato de examinar para o ato de avaliar na escola é algo que perdura por mais de quatrocentos anos na história da educação, que tinha por base a questão de uma nota na qual aluno era e ainda é identificado, diante de uma sociedade burguesa acostumada com resultados classificatórios.

Nesse sentido, Luckesi (2008) faz um recorte histórico dos tipos de pedagogia na época dos Jesuítas e Comeniana (sociedade burguesa e fetiche), em que as provas eram realizadas de acordo com os desejos dos professores, ou seja, não havia uma preocupação com o processo avaliativo. A consequência da pedagogia do exame era determinada, centralizando no produto e não no processo, evitando assim a melhoria da aprendizagem e até rotulando o indivíduo como psicologicamente incapaz.

A relação professor–aluno era uma relação de conteúdo-notas. O professor tinha o poder do terror e o aluno o dever de tirar uma boa nota. Luckesi (2008) dá ênfase para a questão do medo antes do castigo físico, e atualmente o castigo psicológico vem conseguindo dessa forma prolongar o medo, também prologando as ameaças.

Luckesi (2008) em sua obra “A Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo” recorda como acontecia a avaliação, num contexto punitivo, fazendo o uso da palmatória, do ajoelhar em carço de milho, do colocar o aluno no canto da sala, do ridiculizar esse estudante. “A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de

ajuizamento da qualidade do objeto avaliação, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou transformá-lo” (p. 33). Para compreender esse conceito de avaliação é necessário compreender a verificação de instrumentos avaliativos, o juízo de valores, o objetivo, que depois é transformado em nota e a tomada de decisão que será classificatória ou diagnóstica.

Para que haja uma mudança de postura sobre a avaliação se faz necessário pensar em uma sociedade que saia da conservação para a transformação, conforme destaca o referido o autor pensado no modelo democrático de ensino. “A proposta é de uma avaliação educacional no contexto de uma pedagogia para a humanização: uma proposta de ultrapassagem do autoritarismo” (LUCKESI, 2011, p. 41). Para conseguir esse movimento que Luckesi descreve é necessário que as escolas brasileiras operem menos com a verificação e mais com a avaliação da aprendizagem. Este fato fica potente ao observamos que os resultados da aprendizagem usualmente têm tido a função de estabelecer uma classificação do educando, expressado em sua aprovação ou reprovação. O uso dos resultados tem se encerrado na obtenção e registro da configuração da aprendizagem do educando.

Para conseguir bons resultados Luckesi, (2008, p.95) apresenta as seguintes estratégias:

A Primeira: coletar, analisar e sintetizar, da forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas – cognitivas, afetivas, psicomotoras dos educandos, produzindo uma configuração do efetivamente aprendido;
Segunda, atribuir uma quantidade a essa configuração da aprendizagem, a partir de um padrão (nível de expectativa) preestabelecido e admitido como válido pela comunidade dos educadores e especialistas dos conteúdos que estejam sendo trabalhados; Terceira, a partir dessa qualificação, tomar uma decisão sobre condutas docentes e discentes a serem seguidas, tendo em vista: a) a reorientação imediata da aprendizagem, caso sua qualidade se mostre insatisfatória e caso conteúdo, habilidade ou hábito, que esteja sendo ensinado e aprendido, seja efetivamente essencial para a formação do educando; e b) o encaminhamento dos educandos para passos subsequentes da aprendizagem, caso se considere que, qualitativamente, atingiram um nível satisfatório no que estava sendo trabalhado.

Utilizando essas estratégias é que será possível ter uma nova proposta na área educacional, pois o aproveitamento irá além de aprovação e reprovação dos estudantes, mas um caminho para organização de atividades que possibilite ao professor e ao aluno condições de aprendizagem mais expressivas, que o conhecimento faça um sentido para o aluno e não apenas uma preocupação no final de ano na qual as expectativas estão apenas em aprovar e reprovar.

De acordo com Hoffmann (2003), a escola se dispersa da vida do aluno quando perde seu sentido de pertencimento, os alunos estão presentes na escola, entretanto, muitas vezes parecem não fazer parte dela, a escola é vida! E, como tal, precisa possibilitar desenvolvimento, novos conhecimentos, acertos e erros em busca de transformações.

De uma forma geral, os estudiosos nessa área descrevem que o “erro” não deve ser ponto final e crucial da avaliação do aluno, porém um ponto de partida que organizem atividades que permitam ao aluno se desenvolver de forma ampla, compreendendo que o erro não é uma tragédia, e sim um caminho, uma trajetória para buscar a compreensão do conteúdo na sala de aula. O comprometimento do professor na sala de aula com uma proposta de avaliação contínua e significativa é bem maior do que aquele que apenas coloca sua nota na caderneta e culpa o aluno quando o mesmo não consegue a média.

Cada aluno tem sua própria história de vida e condições sociais diferenciadas, entretanto, na sala de aula, na maioria das vezes são avaliados da mesma forma, o professor tem que estar atento e saber aproveitar esse ambiente de forma que no final de semestre ou do ano letivo possa desenvolver estratégias diferenciadas para alcançar a aprendizagem e os objetivos desejados.

De acordo com a atual Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira, Lei nº 9394/96, no artigo 13, inciso IV, é de responsabilidade do professor “estabelecer estratégias de recuperação¹ para os alunos de menor rendimento” (BRASIL, 1996) como também, no seu artigo 24, parágrafo 5º, em relação à verificação do rendimento escolar e dos seus critérios, destaca como:

a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado; d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito; e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos (BRASIL, 1996).

¹ A lei corrobora esta conclusão quando, por um lado, em decorrência dos fatores extraescolares, determina a adequação do ensino às “condições do educando” (inciso VI do art. 4º), mas, por outro, considera a possibilidade de que fatores intra-escolares (métodos, técnicas, características dos professores e da escola, etc.) possam ser responsáveis pelo fracasso dos alunos (inciso V do art. 12, inciso IV do art. 13 e letra “e” do inciso V do art. 24)

Considerado o desafio na nova postura de avaliação e quebrando os paradigmas de examinar, verificar e, além disso, proporcionar uma nova postura nos futuros professores em compreender que a avaliação não é apenas exame e um ponto final, mas de acordo com a própria LDB é um processo na vida escolar dos estudantes. Dessa forma, se faz necessário organizar uma aprendizagem que cumpra o que está estabelecido na LDB, com intenção de uma evolução do aluno diante de uma sociedade competitiva e algumas vezes desigual.

Um outro documento, mais recente na área da educação, é a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que apresenta avaliação na proposta processual para auxiliar o professor na sala de aula, o documento está organizado da Educação Infantil ao Ensino Médio apresenta um regulamento em relação as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras, ou seja, que as escolas do país tenham a base curricular comum, e a avaliação ficará a critério do corpo escolar, ou seja, gestores, coordenadores, professores e os responsáveis pelos alunos. Esse documento que é uma referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, destaca que:

A BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, **à avaliação**, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2019 p. 8, **GRIFO NOSSO**).

De acordo com a BNCC as avaliações deverão estar baseadas nas habilidades e competências descritas no documento de acordo com a base curricular da escola. Pensar em processual é reorganizar a prática docente pensando na avaliação como ponto inicial para dar continuidade na aprendizagem do estudante.

Avaliação e Aprendizagem

A aprendizagem, produto de uma experiência social do indivíduo, pois quando ele nasce aprende primeiramente com o meio no qual está inserido, ou seja, com os pais, irmãos e familiares mais próximos e em todo contexto cultural, que se apresentam para as crianças muitas vezes de forma inconsciente. No contexto escolar não é diferente a concepção de aprendizagem elementos importantes para explicar a avaliação da aprendizagem de forma

contínua e sistematicamente Vygostky (1991, p. 44) na interação professor, conhecimento e aluno.

Isto significa que com o auxílio deste método podemos medir não só o processo de desenvolvimento até o momento presente e os processos de maturação que já se produziram, mas também os processos que estão ocorrendo ainda, que só agora estão amadurecendo e desenvolvendo-se.

A aprendizagem começa bem antes do processo escolar e está inserida em uma sociedade complexa e repleta de situações diversas. Todavia é na escola que esta aprendizagem se constitui de forma mais sistematizada, determinada através de conteúdos vivenciados em disciplinas ou módulos, num ambiente com as mais diversas informações.

A Avaliação da Aprendizagem na percepção de Vygostky (1989) advém de forma contínua e sistemática, durante o convívio na sala de aula, com atividades escolares e relação entre professor e aluno, ou seja, situação mediadora são os conhecimentos que os alunos terá capacidade de se apropriar por meio das mediações culturais ao longo de sua vida. Isto é o intervalo entre o que é capaz de realizar sozinha e o que será capaz de fazer com a mediação do outro mais experiente.

[...] define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VYGOSTKY, 1989, p. 97).

Para que a aprendizagem seja satisfatória e relevante na vida de uma pessoa deve fazer sentido o que está sendo aprendido para proporcionar um desenvolvimento no âmbito de ver e viver nessa sociedade complexa. Moreira (1982) usando a teoria Ausubel para fundamentação da sua tese, apresenta a aprendizagem significativa, que será o procedimento no qual a informação poderá fornecer uma nova estrutura para o conhecimento do indivíduo. Nesse sentido, a aprendizagem sobrevém como uma âncora, pois o aluno tem um conhecimento sobre determinado assunto e acrescenta uma nova informação sobre o conteúdo.

Refletir sobre as concepções de uma aprendizagem significativa, nos fez perceber que aprender não é nunca um processo meramente individual, nem mesmo limitado as relações professor e aluno, ao contrário é um processo que se dá em um grupo social com vida própria, com interesses e necessidades dentro da cultura que está inserido. Os alunos devem participar na aula trazendo tanto seus conhecimentos e concepções quanto os seus interesses,

preocupações e desejos para sentirem-se envolvidos num processo vivo, no qual as interações, conquistas e concessões, provoquem o enriquecimento de todos, pois aprendemos quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, e o social.

Aprendemos mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem; e sentimos prazer no que estudamos e na forma de fazê-lo, sendo assim, a escola vai desempenhar o seu papel de facilitador desse processo.

Nesse sentido, se faz necessário que essa escola utilize caminhos para atingir seus objetivos, organizando e dirigindo situações de aprendizagem. É determinante a escolha dos conteúdos, os recursos didáticos que serão utilizados para articular o ensino e a aprendizagem, a forma de utilizá-los, de maneira que proporcionem cada vez mais um ambiente escolar favorável à aprendizagem. Para tanto, a figura do professor, a sua formação, vai ser de fundamental importância nesse processo.

Formação Docente

A formação docente é algo que não se encerra quando o graduando conclui seus estudos na educação superior ela tem que ser continuada, sempre refletida e atualizada, buscando um perfil do professor para a atual conjuntura de sociedade, com rapidez das informações através do uso da internet, das novas tecnologias, e tantas outras transformações do mundo globalizado. Para Nóvoa (1995) a proposta de formação docente no contexto de formação continuada pensando no professor reflexivo e ciente do trabalho técnico e também científico, que exige além dos conhecimentos sistematizados, um profissional deve compreender a necessidade está sempre estudando.

Formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional [...] A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de refletividade crítica sobre as críticas e da construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p. 25).

A formação continuada para professores tem que ser algo estimulante e gratificante, para o professor compreender e refletir sobre sua identidade profissional. Na graduação do

curso de Pedagogia precisa haver um olhar para o que o discente compreenda melhor seu papel no contexto escolar e sua responsabilidade diante da sociedade.

Conforme Pimenta, a “identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão” (2000, p.19). Dessa forma, o que a sociedade estabelece como normal vai sendo interiorizado pelo sujeito na sua formação docente. Sobre a construção da identidade do docente, essa autora acrescenta que:

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já tem saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram, de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilitam dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana. Também sabem sobre o ser professor por meio da experiência socialmente acumulada, as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos que a sociedade tem dos professores, através dos meios de comunicação (PIMENTA, 2000, p. 20).

O desafio dos futuros professores é quebrar o paradigma de professor tradicional² que projeta o aluno como ser sem conhecimento, além disso, trazer uma postura de professores que apesar de todo conhecimento adquirido na sua formação, com a velocidade das informações através do uso das tecnologias e a internet, através de uma *iphone* disponibiliza ao aluno uma janela em suas mãos com diversos tipos de informações.

A formação docente tende a ser induzida a uma reprodução daquele professor no qual o discente mais se identifica, todavia a *Proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior* (BRASIL, 2000) destaca competências que devem ser dominadas como parte de um processo permanente de desenvolvimento profissional, tais sejam aquelas que se relacionam à compreensão do papel social da escola, ao domínio dos conteúdos, à interdisciplinaridade (BRASIL, 2000, p.21), dentre outras.

² Desenvolvida no século XIX a Escola Tradicional caracteriza-se por não permitir o questionamento das autoridades, sendo as decisões inquestionáveis. O gestor é um burocrata autoritário, cuja preocupação fundamental é controlar e aplicar programas e ordens oriundas dos órgãos governamentais. O aluno é um ser passivo e seu papel é receber ordens, normas e recomendações do professor, executar a disciplina, a obediência e o espírito de trabalho. O professor é autoritário e transmite um saber fragmentado, desfocado do contexto, enciclopédico. Preocupa-se com a memorização e repetição dos conteúdos. Disponível em: <http://sirlene58.blogspot.com/2010/06/atividade-online-i.html>. Acesso em: 05 set. 2019.

Esse mesmo documento também apresenta no campo curricular, alguns problemas que estão presentes na formação inicial de professores, tais como: a desconsideração do repertório de conhecimentos dos professores no planejamento e desenvolvimento de ações pedagógicas; a falta de estímulo para se desenvolver uma postura investigativa; a ausência de conteúdos relativos às novas tecnologias da informação e comunicação, dentre outros. Todavia, a *Proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica* descreve algumas exigências para o desempenho do papel do professor, destacando:

Orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; responsabilizar-se pelo sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento curricular; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio; e desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe (BRASIL, 2000, p. 05).

Diante dessa demanda, estamos diante de um perfil docente frente as novas concepções de educação do mundo contemporâneo, e que é preciso considerar que cada aluno aprende de uma forma e em tempos diferentes e não como uma receita pronta na área da Educação não funciona. Por isso, o trabalho na área Educacional é desafiador, uma vez que não há uma exatidão, mas sim uso de metodologias e dedicação, esforço e estudo.

Tardif (2010, p. 38) sobrepõe que:

Ao longo de suas carreiras, os professores devem também apropriar-se de saberes que podemos chamar de curriculares. Estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir das quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação.

Dessa forma, o discente durante o curso de Pedagogia deve compreender que para estar na sala de aula proporcionando aprendizagem em seus futuros alunos, é necessário estar sempre estuando os conteúdos, planejamento estratégias a serem utilizadas para proporcionar um ensino de qualidade e minimizar as dificuldades encontradas na sala de aula. Desse modo, o professor de acordo com Tardif (2010) as diversas formas dos saberes que o professor constrói durante todo seu processo de formação.

Que o professor não é o mero reprodutor de conhecimento é que acontece na comunidade escolar os professores acabam valorizando mais forma cotidiana da aula que deu certo na prática e passam a crenças de que as teorias não funcionam bem na prática. Porém conforme Tardif (2010, p.36) “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação

profissional e dos saberes disciplinares, curriculares e experienciais” e esses saberes dos professores concretiza a ideia da natureza social desse saber. Os diversos saberes na verdade saber-fazer dos professores tem mãos o poder da formação social dos alunos, também da sua formação acadêmica relacionada às disciplinas específicas que no caso do pedagogo é polivalente.

Metodologia

A pesquisa se enquadra numa abordagem qualitativa de perspectiva exploratória, método de investigação científica no qual foca o caráter subjetivo do objeto analisado percepções (discentes do curso Pedagogia), estudando as suas particularidades e experiências individuais. De acordo com Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE & ANDRÉ, 2012) através do questionário, para alcançar os objetivos da pesquisa.

a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos (BOGDAN, BIKLEN, 1982, apud LUDKE, ANDRÉ, 2012, p.11-12).

Para alcançar os objetivos do trabalho, o estudo de caso exploratório proporciona as interpretações dos dados em contexto específico (Formação dos futuros professores).

Pesquisa exploratória é quando se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orienta a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral as formas de pesquisas bibliográficas de caso. (PRODONOV; FREITAS, 2013, p. 51-52).

Neste trabalho utilizou-se o estudo exploratório de caso, uma vez que, segundo os autores acima referidos, buscaram-se as percepções de alunos do curso de Pedagogia, para obter informações sobre a concepção de avaliação, algo singular, que vai definir e delinear o tema em estudo. Além disso, buscou-se retratar a realidade de forma mais complexa, interpretando o contexto. Por essa razão, deu-se a escolha desse método com a intenção de contribuir durante a produção do artigo.

O estudo de caso vem sendo utilizado com freqüência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais com explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008, p. 58).

A pesquisa foi realizada na Unidade Acadêmica de Garanhuns com os discentes do 5º e 7º período do Curso em Licenciatura em Pedagogia. Através de um estudo de caso com as etapas de aplicação do questionário, análise e interpretação dos dados. Segundo Ludke (2012), “A primeira aberta ou exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta de dados e a terceira constituindo na análise e interpretação sistemática dos dados e na elaboração do relatório (p. 21)”. Assim, foi construída a base desta pesquisa.

Sobre o uso do questionário Gil (2008, p. 121) afirma que:

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa.

O questionário é de grande valor para compreender a percepção que os discentes do curso de Pedagogia tem em relação a Avaliação da Aprendizagem. Pois, suas respostas irão ajudar a responder o problema da pesquisa.

A segunda etapa foi organização da escrita referente a análise de dados de todo material coletado durante a pesquisa. Baseando-se em todo o levantamento bibliográfico para produção do artigo e principalmente:

O sentido coloca-se em um plano que se aproxima mais da subjetividade que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos. No entanto, dada a sua complexidade, afirmamos como nossa possibilidade aproximarmos-nos de algumas zonas de sentido. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p.227).

De acordo com Aguiar e Ozella (2006) descrever e compreender a percepções dos estudantes do curso de Pedagogia, pensando na abertura para as explicação do pensamento, pois a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento.

O trabalho foi organizado de forma ética baseada nos conceitos Murphly e Dingwall (2001), que: Não deve haver prejuízo, nem proporcionar beneficência.

Assim, foram resguardadas as identidades dos colaboradores da pesquisa e alguns dados que poderiam comprometer a sua privacidade. Pois, segundo Flick (2013) a integridade precisa transitar todo o trabalho do pesquisador e respeitar as normas no que se refere a zelar pela legitimidade, privacidade e sigilo das informações necessárias para tornar os resultados desta pesquisa públicos. Dessa forma, manteve-se a questão do anonimato dos discentes, com suas identidades em total sigilo, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise e Interpretação dos dados

Sujeitos da pesquisa: Os Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Quinto e Sétimo período da Universidade Federal de Pernambuco /Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG.

Caracterização do 5º Período: 14 Acadêmicos que disponibilizaram a responder o questionário. Sendo 2 homens e 12 mulheres na faixa etária dos 21 a 29 anos de idade, sendo 9 com experiências estágios e 5 que não tem experiências na área da educação.

Caracterização do 7º Período: 25 Acadêmicos que disponibilizaram a responder o questionário. Sendo 2 homens e 23 mulheres na faixa etária dos 20 a 41 anos idade, sendo 18 com experiências de estágios e 7 que não tem experiências na área da educação.

Para a análise e interpretação dos dados foram utilizadas a técnica de Aguiar e Ozella (2006) Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. Os seus autores fazem uso da entrevista para alcançar os pré-indicadores, indicadores e depois os núcleos de significação. Neste trabalho foi feito alguns ajustes, pois como o questionário foi direcionado de acordo com os objetivos da pesquisa, eliminou-se a questão dos pré-indicadores.

Essa técnica tem como objeto da análise a apreensão dos sentidos que constroem o conteúdo do discurso, toma ainda por base os estudos de Vygostky (1989) nas categorias de linguagem e pensamento e as noções de significado e sentido na concepção de Sujeito Histórico³. Assim construímos a base metodológica de análise e interpretação de dados deste artigo.

³ O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro. A ideia central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo socio-histórico é a ideia de mediação: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do

A primeira questão do questionário:

Discentes - 5º período

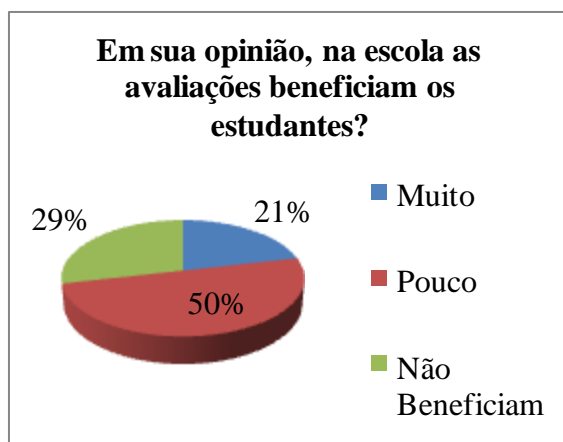


Gráfico I Fonte: Autor (2019)

Discentes - 7º período

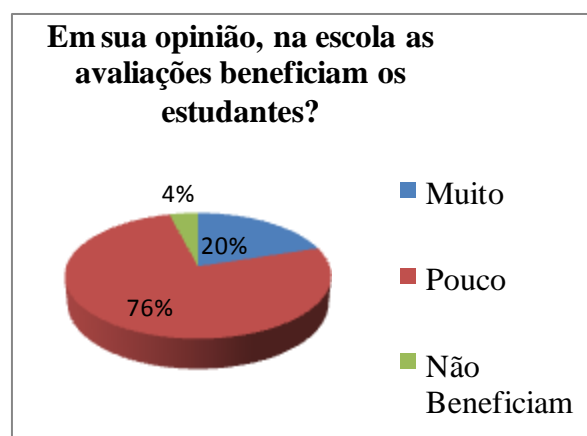


Gráfico II Fonte: Autor (2019)

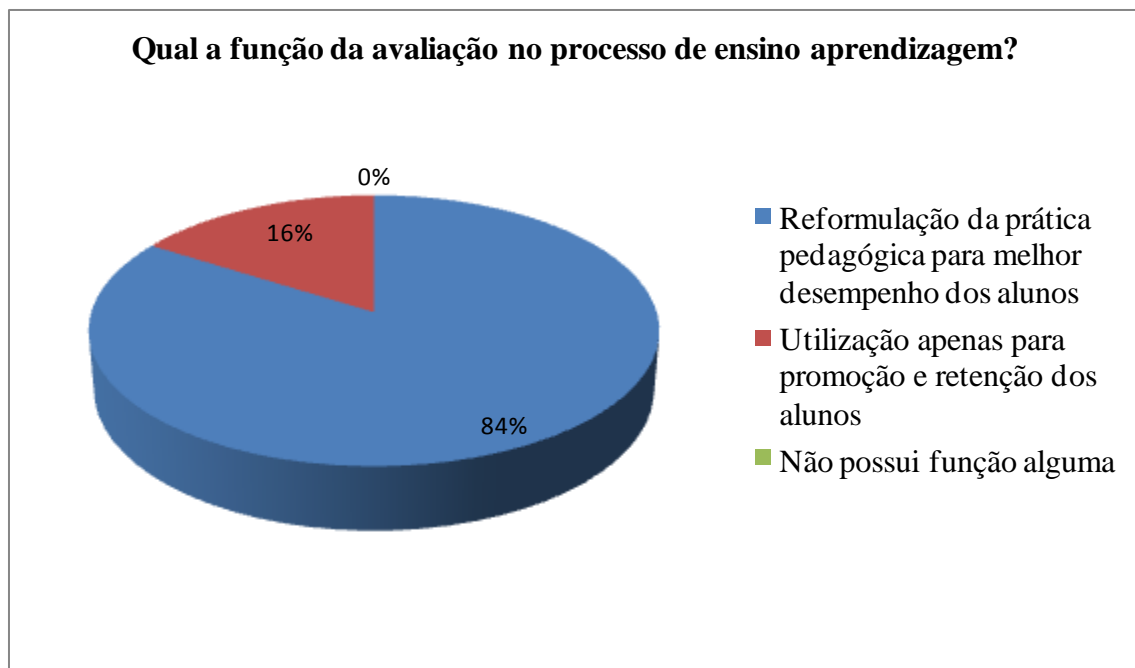
Nessa questão, os discentes do 5º período relacionam a avaliação com a questão do exame⁴, isso ficará claro no decorrer das análises, pois conforme Lima (2005) os futuros professores do 5º período do curso apresentam o conceito de avaliação cujo eixo principal foi da medida quantitativa do conhecimento. Lembrando que os questionários foram aplicados na turma do 5º período no terceiro dia de aula da disciplina de Avaliação da Aprendizagem, e 7º período, no entanto, esses já haviam concluído a disciplina.

Segunda questão do questionário:

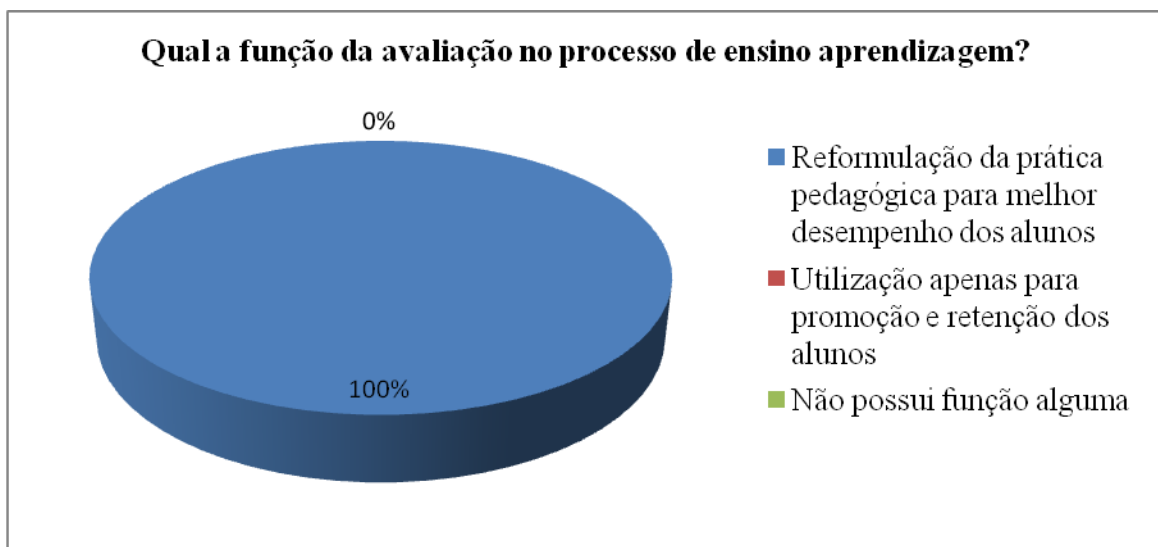
Discentes - 5º período Gráfico III Fonte: Autor (2019)

conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim como no construtivismo e sim, pela mediação feita por outros sujeitos. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 23. Jun. 2019.

⁴ Os exames escolares e acadêmicos estão voltados para o passado, o que significa que, nunca prática de exame espera-se que o estudante manifeste aquilo que já aprendeu. Não importa o que ainda possa ou precise aprender, e sim que ele seja classificado com base na aprendizagem manifestada ao responder aos instrumentos de coleta de dados sobre o seu desempenho, aqui e agora. (Luckesi, 2011, p.182).



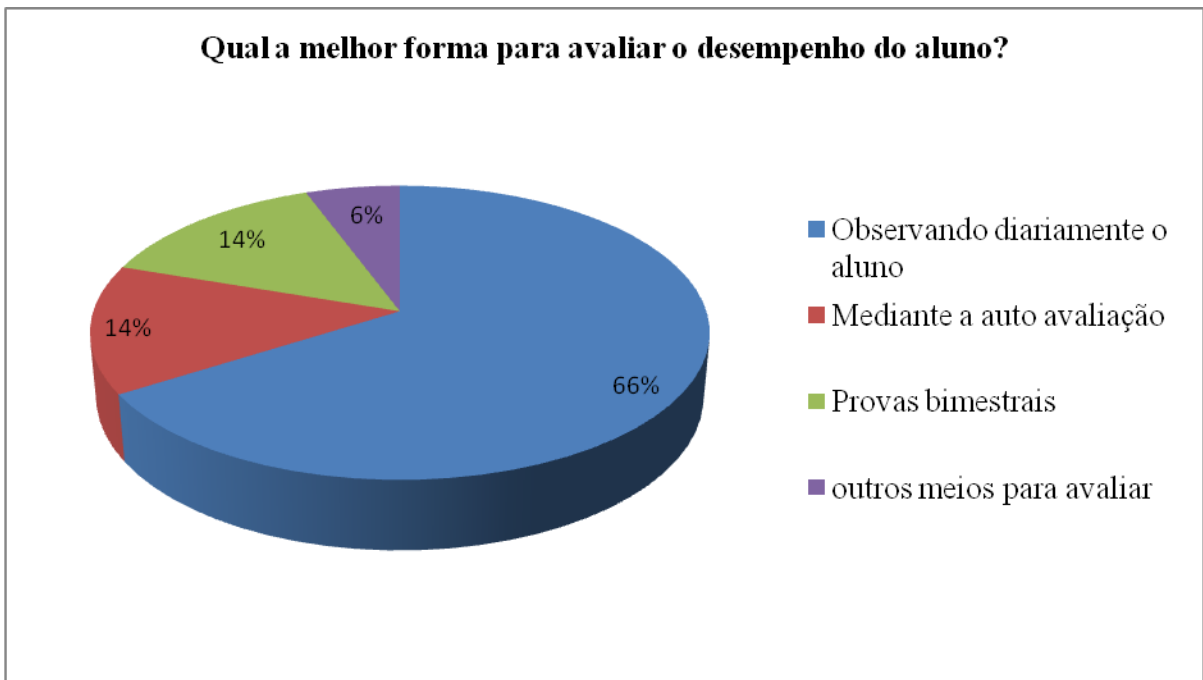
Discentes - 7º período Gráfico IV Fonte: Autor (2019)



Analisando estas questões percebe-se, que os discentes do 7º período demonstram um amadurecimento em relação ao conceito de avaliação, apresentam a questão da avaliação de acordo com a compreensão de Luckesi (2008), Hoffman (2003) e a própria Lei de Diretrizes Bases Nacional, indicando que avaliação tem que sendo contínua, possibilitando aos alunos os avanços, o aproveitamento dos estudos, pensando na avaliação que possibilite o desenvolvimento na aprendizagem escolar.

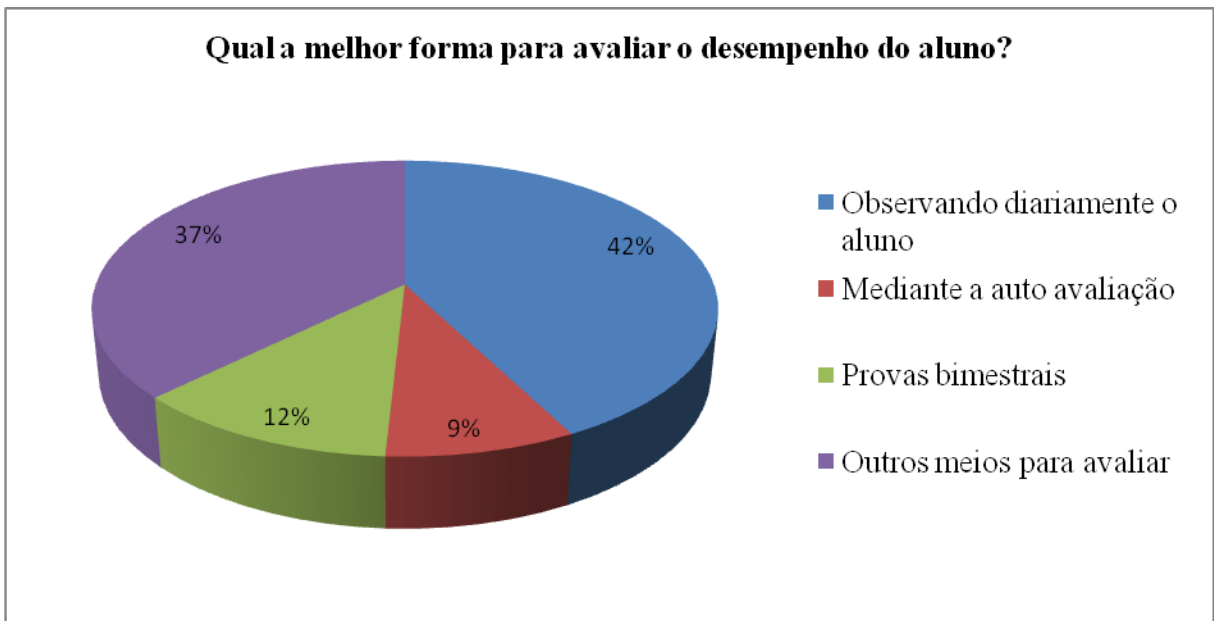
Terceira questão do questionário:

Discentes - 5º período Gráfico V Fonte: Autor (2019)



Discentes - 7º período

Gráfico VI Fonte: Autor (2019)



Nesta questão, em todos os questionários, os discentes do 5º e 7º períodos marcaram a questão de observando diariamente o aluno, em relação aos instrumentos apresentados nos questionários os futuros professores destacaram outros instrumentos de avaliação como debates, seminários, portfólios foram citados pelos discentes.

A demanda do instrumento utilizado na sala de aula dependerá da concepção do professor e objetivo que deseja alcançar durante a unidade ou semestres na escola. De acordo

com Vygostky (1989) acontece de forma contínua e sistemática durante o diálogo na sala de aula com atividades escolares e relação entre professor e aluno.

Mas, essa questão do questionário, também apresenta um quebra de paradigmas pensado na escola Tradicional, que utilizava a avaliação de forma punitiva. E o único instrumento à prova com o aspecto único de avaliar o que os alunos sabem sobre os conteúdos passados na sala de aula, deixando de lado a reflexão da prática do professor em sala de aula.

Na análise do questionário, as questões (O que você percebe sobre Avaliação da Aprendizagem?) abertas às palavras que desatacam como indicadores da pesquisa são: Avaliação contínua, prática pedagógica e avaliação na classificatória.

Uma segunda leitura permitirá um processo de aglutinação dos pré-indicadores, seja pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a menor diversidade; já no caso dos indicadores, que nos permitam caminhar na direção dos possíveis núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA , 2006, p. 230).

Núcleos de Significados

Tabela 1: Avaliação na concepção de forma contínua

Avaliação na concepção de forma contínua	
5º período	7º período
“Deve ser um processo contínuo que observe o desenvolvimento integral do estudante”	“Esta deve se dar forma contínua e progressiva e não apenas se resume a uma prova escrita a qual dali sairá uma nota que definirá o quanto que ele aprendeu, sendo que naquele momento não é possível medir quanto ele aprende, pois ele pode ficar nervoso, não tirar uma boa nota na prova deixa o aluno apreensivo”
“A avaliação é um processo contínuo que serve para medir o grau de aprendizagem do aluno para que assim o professor possa considerar o erro e o acerto de nunca usar a avaliação como algo punitivo para os alunos”	“A avaliação deve ser contínua, assim como o processo de aprendizagem. Pois ela serve para que os alunos, de fato, aprenderam. Mas, pelo que percebe, na prática, não se faz avaliação, mas verificação de aprendizagem, já que são momentos pontuais e que não dão conta de todo processo de aprendizagem.”
“É um momento do cotidiano escolar que	“A avaliação é algo que deve ser contínuo.

tem como objetivo enriquecer o processo de ensino aprendizagem”.	A mesma deve ser trabalhada de uma forma construtiva e não classificatória, pois a nota que mede o nível de conhecimento.”
--	--

As falas dos futuros professores demonstram a formação de uma identidade profissional da educação que Nóvoa (1991) vai definir como refletividade crítica a disciplina de Avaliação da Aprendizagem está caracterizando nos acadêmicos essa formação. Que Pimenta (2000) irá explicar que esses discentes do curso de pedagogia possuem saberes sobre o que é ser professor, pois como estudante durante toda vida acadêmicas tiveram experiências com diversos professores e vivências boas e ruins nessa trajetória. Por essa razão as falas dos futuros professores acima confirmar o Vygostky (1989) descrever sobre sujeito sociohistórico que perpassar por uma cultura na qual o mesmo adquirir e modificar de forma dialética.

Tabela 2: A avaliação na prática pedagógica

A avaliação na prática pedagógica	
5º período	7º período
“A avaliação deve ser uma ferramenta para acompanhar os conhecimento dos alunos a partir disso continuar ou reformular as práticas pedagógicas para um melhor desempenho dos estudantes.”	“Um processo contínuo que deve respeitar os diferentes ritmos dos estudantes, bem como servir de autoavaliação para a prática pedagógica. Essa autoavaliação deve contemplar o estudante em todos os aspectos”.
“É uma prática ainda recente que buscar não usa práticas antigas de ensino como cópia, questionário, o ato de decorar etc.”	“Avaliar é o momento para que o professor observe como está o desenvolvimento escolar do aluno, dessa forma o professor poder repensar sua prática.”
“A avaliação da aprendizagem, deve servir para avaliar os conhecimentos dos alunos e proporcionar uma prática pedagógicas visando a aprendizagem significativa”.	“Como um processo fundamental da educação que consiste na constante transformação da prática pedagógica.”

Nessas interpretações dos dados uma única pergunta proporcionou a pesquisa de três núcleos de significados, pois o sujeito histórico na sua construção diária pensar e decidir as

informações diferentes trata-se de pessoas únicas, que tem um olhar para “questão” singular de formas distintas e únicas.

Temos de levar em considerações que, quando nos referimos à FORMAÇÃO, vários fatores e valores estão implícitos neste contexto, sejam eles filosóficos ideológicos, sociológicos e culturais. E dependendo de quem cria a voz dessa formação, ela pode continuar a sucumbir à emancipação. No entanto, vale ressaltar que, quando nos referimos à formação, referimo-nos ao seu sentido precípua e emancipatório reflexivo, crítico e constituidor do saber e pensar (TEXEIRA, 2008 p. 120).

Parece-nos importante insistir que o procedimento adotado visa a avançarmos do empírico para o interpretativo, isto é, da fala para o seu sentido, entendendo que vamos em busca da fala interior, ou seja, a partir da fala exterior caminhamos para um plano mais interiorizado, para o próprio pensamento (VIGOTSKY, 2001, p. 185).

Desse modo, para compreender a concepção desses futuros professores através da escrita do artigo demonstram uma maturidade no ambiente educacional analisando as práticas de alguns profissionais que estão na sala de aula. Luckesi (2008) apresenta a questão de estarmos 400 anos atrasados em relação à avaliação, mas ao descrever esses dados sobre o assunto é empolgante, pois as identidades desses futuros professores chamam a responsabilidade para o educador que tem que rever suas práticas e não culpabilizar os estudantes que não aprendem.

Tabela 3: A Avaliação na concepção classificatória

A avaliação na concepção classificatória	
5º período	7º período
“Método de avaliação nas escolas que acabam focando mais em notas, sentido quantitativo e não em qualidade da aprendizagem.”	“Avaliação, apesar de ter outros olhares, ainda e voltada para classificar, selecionar, em algumas vezes, para punir o estudante.”
“A avaliação tem como função, apenas reter ou promover o aluno na escola. É feita na maioria das vezes sem a devida reflexão sobre o aluno conseguiu alcançar e como superar as dificuldades.”	“É utilizada para medir o que o aluno aprendeu, mas na verdade não é o que acontece, é instrumento de tensão e de retenção.”
“A avaliação nas escolas, visam apenas as notas e não o processo de aprendizagem do aluno em geral.”	“Que a avaliação se caracteriza como um julgamento, o professor assume a função de juiz e classifica o que o aluno saber ou não. Ele mede, testa o aprendizado do aluno,

	como se uma nota definisse o conhecimento do educando. E isso motiva o decorreba, o educando decorar conteúdo para tirar uma nota boa.”
--	---

A concepção dos futuros professores em relação a avaliação como classificatória descreve a assunto como afirma Luckesi (2008) a Avaliação Educacional Escolar sem a questão autoritarismo, o professor não é juiz, mas, o profissional que tem papel de ajudar na sala de aula. A avaliação no contexto punitivo como acontecia antigamente com uso palmatória, ou ridicularizar o aluno diante da classe não é o papel do professor. Quando pensar a avaliação como classificatória os futuros professores descrevem o que acontece na realidade do contexto escolar, porém não tem uma concordância com essa atitude, demonstrando novamente uma concepção de avaliação que não é para classificar, apesar de ainda haver esse uso nas escolas.

Considerações Finais

A reflexão contida neste trabalho de pesquisa proporcionou algumas interpretações que, mesmo apontadas como conclusões, poderão construir pontos de partida para novas investigações futuras, considerando que a pesquisa buscou identificar a percepção da avaliação de aprendizagem dos discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia 5º e 7º período.

Com o objetivo de analisar as percepções desses acadêmicos, do quinto e sétimo período do curso, em relação à Avaliação da Aprendizagem, como pesquisadora a minha postura foi direta e verdadeira com os futuros professores, desejei compreender suas necessidades, com intenção de deixar um caminho de pesquisa para outros pesquisadores que tenham interesse na área da avaliação.

A pesquisa permitiu reconhecer a relevância da avaliação como parte do processo do ensino e da aprendizagem e que, precisa ser reconhecida como parte desse processo e não apenas como a conclusão de uma etapa pedagógica. Nessa concepção, os futuros professores em suas respostas aos questionários apresentaram uma das identidades do Curso de Pedagogia no campus da Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Foi possível constatar que os discentes desse curso que estão no 5º período apresentam uma compreensão da avaliação em uma proposta pedagógica que ainda está amadurecendo

seus conceitos, pois relacionam diretamente a questão da avaliação ao exame, o que não se percebe em relação aos discentes do 7º período que consideram a avaliação um processo mais complexo.

Em relação às respostas dos três núcleos de significados, as respostas dos discentes do 7º período, que havia passado por toda a disciplina de Avaliação de Aprendizagem apresentaram uma argumentação mais elaborada e fundamentada comparada às do 5º período que ainda estão perpassados pela disciplina.

Após a análise dos dados a questão do questionário que destacou para resultado da pesquisa foi *Qual a função da avaliação no processo de ensino aprendizagem?* Todos os discentes do 5º e 7º período responderam que seria para “reformulação da prática pedagógica para melhor o desempenho dos alunos”. Encontra-se, uma quebra de identidade do professor, que muitas vezes acredita que avaliação seria apenas para saber o desempenho desse estudante através da avaliação.

Portanto, os futuros professores que estão saindo do curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG, apresentam a percepção de que a avaliação é um ato de reformulação da prática pedagógica dos professores, que por sua vez, também, estão sendo avaliados quando aplicam quaisquer instrumentos de avaliação.

Podemos concluir que a percepção desses futuros professores traz um olhar crítico na proposta de avaliação e da aprendizagem, pois não responsabilizam ou “culpam” os estudantes, porém eles compreendem que também, são agentes e responsáveis por uma parte o processo de avaliação que acontece no contexto da sala de aula. E, que a Avaliação da Aprendizagem não é sinônimo de punição, ela precisa ser percebida e concebida como uma estratégia de melhoria da aprendizagem no contexto escolar. Espera-se que esta pesquisa venha contribuir para uma melhor forma de se entender o papel da avaliação da aprendizagem.

Referências

AGUIAR, W. M. J. ; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v.2 n26 p. 222-2455 2006. Disponível em: [www. Scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. **Decreto-lei 9.394, de 20 e dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 25, Maio. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Proposta de Diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior**. Brasília, MEC 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação infantil , ensino fundamental e ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2019.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 6ª ed. Campina, SP: Autores Associados, 1999.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes Uwe Flick; Porto Alegre: Penso, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFFMAN, J. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 20 ed. revista, Porto Alegre: Mediação 2003.

LIMA, E. S. **Avaliação na escola**. São Paulo: Sobradinho, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUDKE, M. **Pesquisa em Educação**: abordagem qualitativa São Paulo: E.P.F. 2012.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011. 1ª edição.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: estudos e proposições. reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2008.

NÓVOA, A. **Os Professores e sua formação**. 2 ed. Lisboa: Publicações: Dom Quixote, 1995.

PIMENTA, S. G. **Saberes Pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 2000.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Universiade Freevale, 2013.

TEXEIRA, J. **Avaliação escolar**: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Wak ed, 2008.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional: In- **Os professores diante do saber: esboços de uma problemática do saber docente**. 11.ed. -Petrópolis, RJ: Vozes 2010.

VIGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: LURIA, A. R. *et al.* **Psicologia e pedagogia**: Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. 12. ed. Lisboa: Estampa, 1991.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY. L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2001.

VILLAS BOAS, B. M. de F. Avaliação no Trabalho Pedagógico Universitário. *In*: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia L. M. In: **O que de novo na Educação Superior**: do projeto pedagógico á pratica transformadora. Campinas, SP: Papirus, 2000.

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**: ciências humanas e sociais aplicadas: artigos, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, TCC, projeto, slide. Recife: Rêspel, 2010.

AGRADECIMENTOS

A Deus por concede sabedoria, saúde, força e refrigério durante todos os dias da minha vida.

À minha mãe Laurená, meu pai Elias, as minhas irmãs Bianca e Sandra, ao meu cunhado Charles e familiares, pelo incentivo e apoio desde o início.

Ao meu marido Jeybson Correia que me apoiou emocionalmente e financeiramente desde o início até a conclusão deste trabalho e ao meu filho Heitor (4anos de idade) é uma das motivações para conclusão desse curso.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns, pelos quatro anos de intenso conhecimento.

A todos da minha turma do curso de licenciatura em pedagogia.

Aos amigos Aparecida, Josuel, Leiliane, Jessandra e Rayane pela contribuição dada na execução deste trabalho.

As Professoras Norma Vasconcellos, Juliana Galindo pela orientação e dedicação de sempre e todos os professores que perpassaram na minha vida acadêmica.

*Todavia eu me alegarei no senhor;
Exultarei no Deus da minha salvação.
(Habacuque 3:18).*

Anexos



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
QUESTIONÁRIO



Sexo () Idade ()

Tem experiência profissional na área de Educação?

() sim () não

Tempo de Atuação.....

Cargo que exerce, trabalha na área Educacional

1.O que você percebe sobre Avaliação da Aprendizagem?

2. Em sua opinião, na escola as avaliações beneficiam os estudantes?

() muito () pouco () Não beneficiam

3. Qual a função da avaliação no processo de ensino aprendizagem?

() Reformulação da prática pedagógica para melhor desempenho dos alunos

() Utilização apenas para promoção e retenção dos alunos

() Não possui função alguma

5. Qual a melhor forma para avaliar o desempenho do aluno?

() Observando diariamente o aluno () Mediante a auto avaliação () Provas bimestrais ()

outros meios para avaliar _____

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados (as) colaboradores (as): Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do 7º período. Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Vimos, através deste, convidá-lo a participar do estudo a ser realizado pela aluna Maria Beatriz Bezerra da Silva Correia, intitulado CONHECENDO AS PERCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO 5º E 7º PERÍODO SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM. Esta pesquisa está vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns e tem como objetivo: Analisar as percepções dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UAG 5º e 7º período, em relação às suas percepções sobre a Avaliação da Aprendizagem. Nesse sentido, solicitamos que nos autorize a usar todas as informações coletadas através do questionário em nossa análise de dados. Ressaltamos que os dados coletados ficarão armazenados em segurança num computador pessoal e que somente os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso às informações coletadas. Dados pessoais dos participantes, tais como nome, idade e contatos não serão divulgados quando da publicação dos resultados desta pesquisa em um (a) Trabalho de Conclusão de Curso.

Informamos, ainda, que sua participação é voluntária e que você poderá desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento ou fazer quaisquer questionamentos que considerar pertinentes quanto aos objetivos e procedimentos aqui propostos durante o andamento do estudo.

Por fim, após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicitamos que assine o mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca deste estudo poderão ser obtidos junto a Professora Norma Vasconcellos pesquisador responsável, através dos telefone 87 999597530 ou pelo e-mail beatrizbs87@gmail.com.

Nós, Alunos (as) Turma do 7º período de Licenciatura em Pedagogia, fui informado (as) sobre os objetivos da pesquisa a ser realizada pela aluna Maria Beatriz Bezerra da Silva Correia, sob orientação do (a) Professora Norma Vasconcellos, e concordo em participar desse estudo. Sendo assim, autorizo que os dados por mim fornecidos sejam utilizados para os fins desta pesquisa. Garanhuns, 2019.

